

Nós somos eles – poesia, de Cynthia Roncaglio
Conversa com a poeta Marise Manoel
Livraria da Vila, Curitiba, 24.07.2024

Nós somos eles é o primeiro livro de poesias de Cynthia Roncaglio, editado pela editora Jaguatirica do Rio de Janeiro, neste ano de 2024. Depreendemos, desde logo, das dedicatórias impressas pela autora, que a inclinação para a escrita era conhecida por sua mãe, que lhe “deu caneta e papel” e não “agulha e linha”, e por seu pai, que, a despeito dos livros que Cynthia já havia escrito, lhe perguntava alheio: “Por que você não escreve?”.

Sublinho aqui essa singela homenagem que a autora faz aos pais como atestado de que a poesia ali estava, de fato, e amadureceu em seu espírito inquieto. Estava ali, desde os “querido diário” aos treze anos de idade, passando pelos livros técnicos de sua área de atuação profissional, da arquivologia e da ciência da informação, até este corajoso salto existencial no campo estético-filosófico da poesia. Cynthia Roncaglio reúne hoje um conjunto de publicações diversas, que constituem importantes referências literárias e técnico-científicas para um público amplo e a centenas de estudantes, professores e pesquisadores.

A escolha da epígrafe do livro também nos ajuda a definir o seu ser poético, refletida que está numa fala de Clarice Lispector, em que aquela autora nos diz que gostaria de contar coisas da vida usando a delicadeza e a grossura de camponesa, a um só tempo. E o sentido da escolha dessa citação se torna claro, à medida em que iniciamos a leitura do livro da Cynthia. Isso porque a autora se mostra assim, alternando leveza e aspereza em seus versos, movendo-se entre o existir suave e a náusea, como nos esclarece o poema *Sartriana* (p.43):

*De vez em quando
O Nada
Me invade.*

Em minha primeira leitura do livro *Nós somos eles*, destaquei um poema curto, da primeira parte do livro, intitulada *Desejos* (p.20).

Tons

*Luz da manhã
Cinza
Visto a cor
Penso no amor
Nada combina.*

Para minha (nossa) surpresa, Cynthia me contou que escreveu este poema aqui em Curitiba, cidade onde morou por muitos anos, “numa manhã curitibana dos anos oitenta”. Eu a reconheci no livro, num reencontro feliz, como se a distância entre nós não tivesse existido. Soube imediatamente que partilhamos desse olhar oblíquo sobre a cidade fria, numa busca introvertida e incansável à procura do amor, desconfiadas de sua presença.

Da parte II do livro – *Movimentos* –, destaquei um poema longo, do qual leio apenas alguns versos (p.61-63):

Brasília sob o espanto de Clarice reencontrado em mim

...

Brasília é brasa.

Brasília é gelo.

Brasília é caco de vidro.

Mosaico de vulcânicas e glaciais sensações.

Nada se toca.

Ninguém te toca.

Tudo é para ser visto e sentido de longe.

Todos se encontram, apenas se marcam um ponto.

...

Brasília é um risco.

Um traço inesperado.

*Um ato falho de arquitetos
concluído por bibliotecários.*

...

*Brasília é bruta.
Brasília é selvagem.*

...

Obra futura arquivada antes mesmo de ser passado.

Aqueles que conhecem Brasília sabem que este é um poema que posso chamar de anarcorrealista, como expressão da poeta que arquivou a cidade.

Na parte III do Nós – *Subterfúgios* –, poderia destacar diversos poemas, curtos e longos. São itinerários metalinguísticos, ou seja, falam do ato de escrever, do desejo que consome a poeta identificada com outros poetas consagrados pela crítica (lembrem-se: *Nós somos eles*) e identificada com a própria linguagem, com as palavras, tal como descrito nos versos finais do poema *Poetas* (p. 67).

...

*Nada sabem eles de mim.
Mas, deles, tenho cravadas todas as letras.*

No poema *Poesia*, a autora faz uma declaração indignada (p. 68):

*É preciso haver um lugar
onde o não-dito
seja dito.*

Este lugar é a poesia.

E se contradiz logo em seguida, ou se entrega ao iniludível sentimento de incompletude, de vazio; este vazio que atravessa seus versos e reaparece explícito ao final do tomo. Leio um trecho do seguinte poema *Sobre livros* (p. 69):

...
Os livros que li
Os que quase engoli
Os que não me saem da cabeça
...
Os que me intrigam
Os que eu mesma escrevi
Os que imaginei escrever
Os que hei de escrever
Os que desejo escrever
Os que parecem escritos por mim
...
Oh, Céos

Me nego a ser só
e atiro um livro na cabeça.

Destaco ainda alguns versos do poema *Sentidos* (p. 78):

*Quero fixar em linhas
Impressões já ausentes.*

*Experimentar nos dedos
a falta que faz a tua pele.
Roçar, trincar, alisar
os frágeis flancos das palavras
que não saciam.*

*Suporto mal a angústia
de não ver o amor inexistente.
O branco me esvazia.
A tinta no papel expulsa
as múltiplas golfadas de ar.*

*Já que não mato e não morro
tenho o vício de escrever.*

O *branco me esvazia*, diz a poeta. Temos aqui a declaração pública de que a poeta persistirá no caminho errático da poesia, *a deslizar perplexa no tempo, sem espaço de fuga*, como nos lembra no poema *Labirinto* (p.86).

*Sigo as setas
que não me levam por estradas retas.*

*Dobro as esquinas
que me conduzem por intensas estrias.*

*Paro apenas quando reparo
que há uma ponte imponente
ligando o afeto ao desejo.*

*Deslizo perplexa no tempo
Não há espaço de fuga.*

Os poemas de Cynthia falam de um cotidiano urbano que fraciona corpo e mente, produzindo silenciamentos

oportunos e funcionais e aflições desmedidas, que se somam à apatia e ao desamor na sociedade atual.

Nesse lugar de vazios existenciais e de propósitos obscuros firmados em nome da produtividade e do consumo acelerado, a poeta se levanta para que sua poesia clareie nossas escolhas e nosso modo de pensar o mundo caótico em que vivemos.

A leitura dos poemas de Cynthia Roncaglio desperta nossos sentidos, para que possam se reassentar após na base de um pacto poético com tudo que vive e necessita de acolhimento e renovação.

Como contribuição para o brilho desta noite, com a permissão da autora, na linha do que pode nos valer a aventura transformadora da poesia, trago a lembrança do nosso amado poeta Dante Milano, com destaque aos versos finais de seu *Passagem do Poema* (*Poesias*. Estudo crítico de Sérgio Buarque de Holanda. Instituto Nacional do Livro. 1871, Editora Sabiá/MEC. 3ª, edição, p, 77):

O olhar no escuro.

Não dormir, esperar, acordado na noite.

Um verso feito em gesto rápido

Traça nas trevas do cérebro o rabisco de um raio.

*É um poema ou talvez lá fora a tempestade?
As portas se abrem sozinhas com violência.
Passam vultos que não existem.*

Meu corpo parado, entanto corro livre pelos descampados.

*Estende-se a perder de vista a dolorida praia.
O mar avança pela areia com as patas de seus cavalos.
O vento chicoteia o fugitivo.*

*Não fuja da vida, espírito!
Volta, covarde!*

*Apagadas visões
Não tirarão teu brilho, realidade!*

*A poesia me leva a perdidos caminhos
De onde volto mais só, mais desesperançado.
De tudo resta apenas a página rabiscada.
Deixo cair da mão o verso que se parte.
Outro me foge escrito sem palavras,
Buscando outros sentidos...*

O verso é feito do ar que se respira.

Correi, correi, ó versos sem palavras...

Parabéns, Cynthia Roncaglio, pelo belo livro que traz para esta noite de autógrafos. Bom lançamento e boa leitura a todos. Muito Obrigada!

/MM